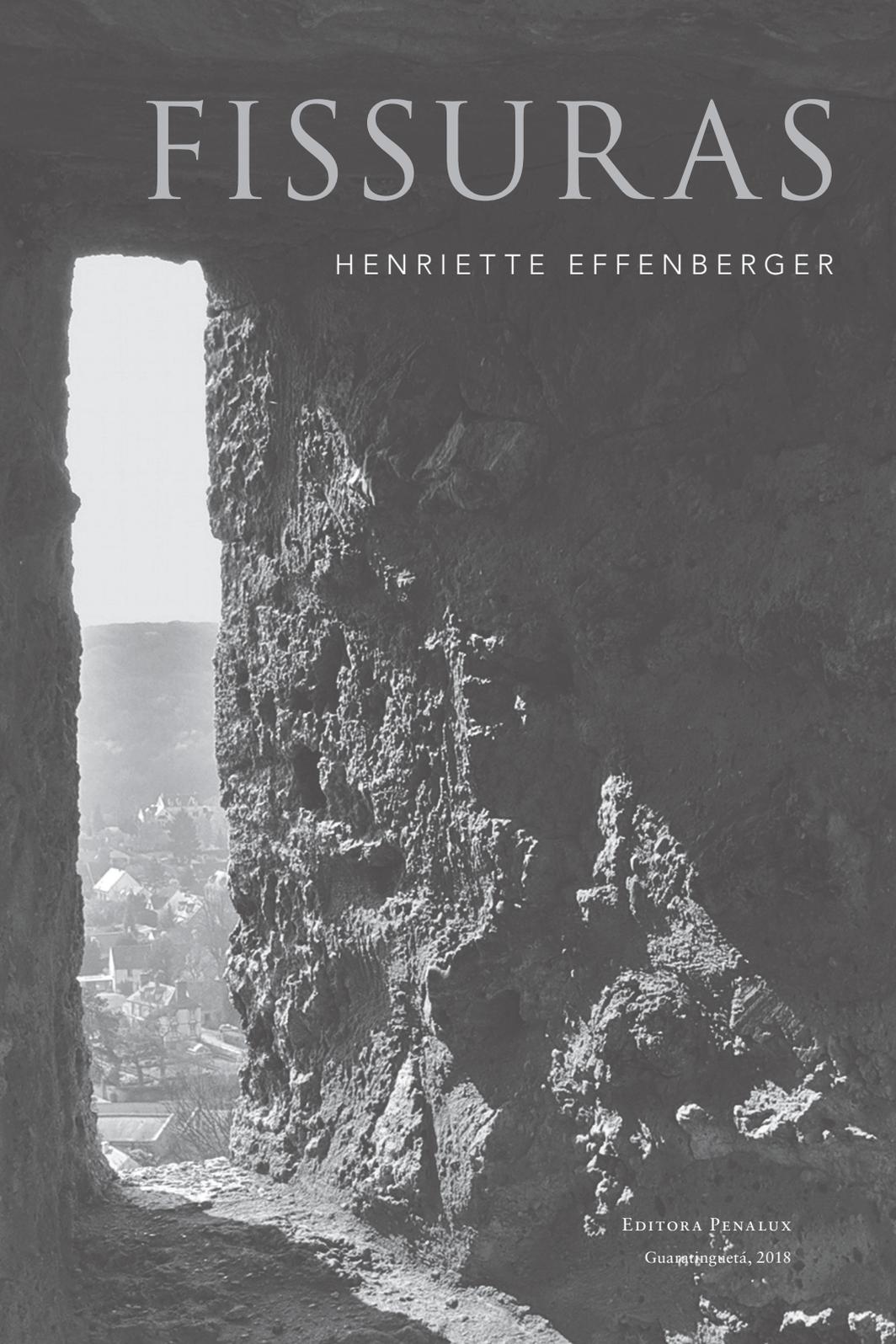


FISSURAS



HENRIETTE EFFENBERGER

EDITORIA PENALUX

Guatemala, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Edelson Rodrigues

IMAGEM CAPA: Pixabay.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E27f EFFENBERGER, Henriette. –
 Fissuras / Henriette Effenberger. – Guaratinguetá, SP:
 Penalux, 2018.
 122 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-420-4

1. Contos I. Título.

CDD: B869.3

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O DEMÔNIO QUANDO QUER FICA BONITO

– É minha irmã. Ela morava com ele faz quatro anos. Ele matou ela. Não foi com revólver, não. Esmagou a cabeça dela na parede. Quer ver?

– ...

– Deu um murro que os dois olhos saltaram e ficou um roxo só. O homem da funerária disse que deu para disfarçar um pouco, com a maquiagem, mas ainda está tudo preto. E na cabeça, então... Atrás tem um buraco que dá pra enfiar o dedo. Depois de bater a cabeça dela na parede, ele ainda bateu com ferro da construção. Ele ia enterrar lá mesmo, tinha até feito um buraco; depois resolveu chamar a polícia e falar que ela tinha caído da escada...

– ...

– A polícia não prendeu ele, não. Levou ela pro IML primeiro. De tarde ele veio aqui no velório, queria enterrar rápido, pra família não ficar sabendo direito o que tinha acontecido. Mas eu não deixei. Falei pra ele que o enterro tinha que ser amanhã. Pra gente poder passar a última noite com ela. Ele deve estar rondando por aqui, mas não entra, porque sabe que, se ele entrar, eu chamo a polícia pra prender ele. Ele é louco por ela.

– ...

– Quando ela largou o marido para ir viver com ele, todo mundo dizia que ele não prestava. Mas ela estava apaixonada. Largou o marido, que era um homem bom, e foi. O marido de

verdade ainda gosta dela. Nunca deixou de mandar dinheiro, cuidava das filhas. Mas ela ficou apaixonada pelo demônio e não quis mais saber do marido. Logo que ela foi morar com o demônio, já começou a apanhar. Ele tinha ciúmes dela. Batia muito...

- ...

- Ele gostava dela. Quando ele riscou os peitos dela com a faca, eu falei pra ela largar dele, que ele não prestava. Ela falou que gostava dele e que ele fazia assim porque gostava dela. Ele é o demônio, dona, e o demônio, como o pai dizia, quando quer fica bonito. Se o pai tivesse vivo, ela não tinha deixado o marido para morar com esse *cusarruim*. Teve uma vez que ele cortou a barriga dela com a faca, de fora a fora, ela se escondeu no banheiro e ficou segurando para a barrigada não cair, até desmaiar. Foi a vizinha que viu o sangue e chamou o resgate. Costuraram ela.

- ...

- Não prenderam, não; ela não deu queixa. A delegada falou que ela tinha que dar queixa, porque ele ia acabar matando ela. Ela não quis. Ela gostava dele. Eu, agora, só tenho mais uma irmã. O meu irmão, que morava com ela, se matou. Faz dois anos. Foi depois que o pai morreu. Ele entrou em depressão, tomava remédio forte, fazia tratamento com psiquiatra. Eu também fiquei com depressão depois que o pai morreu. Tomo remédio de receita presa e vou no postinho. O pai tinha os defeitos dele, mas depois que ele morreu nossa vida desgovernou. O pai, sim, gostava de nós. Ele protegia os filhos. Ai se alguém relasse a mão na gente! Quando a mãe largou o pai, a gente foi com ela porque o juiz mandou. Mas não deu certo. O pai foi buscar. A mãe não queria deixar a gente ir. O pai falava que a mãe era louca. Eu não achava que a mãe era louca. Ela era só triste. Quando o pai levou a gente embora, a mãe ficou mais triste e no dia seguinte se matou. Tomou veneno de rato no café. A polícia queria prender o pai, falaram que ele tinha colocado

o veneno no café da mãe porque ela tinha ido na polícia fazer queixa dele. É mentira! Nunca que o pai ia matar a mãe. Só uma vez que o pai bateu na mãe. Foi no dia que ela veio mais cedo do serviço e o pai tava em casa com a minha irmã.

- ...

- É. Com essa minha irmã que morreu hoje. Então, a mãe ficou com raiva do pai e foi na delegacia falar mal dele. Aí uma moça lá da polícia conversou comigo e com as outras minhas duas irmãs, perguntando o que o pai fazia com a gente. Nunca que eu ia falar mal do pai. Ele, sim, gostava de nós e protegia os filhos. A mãe falou que eu tinha de falar a verdade pra moça. Eu fiquei com medo que o pai fosse pra cadeia só porque gostava de nós. Minhas duas irmãs também não contaram nada pra moça. A gente tinha jurado pro pai que não ia falar.

- ...

- Não prenderam ele, não, graças a Deus!

- ...

- Quando a mãe morreu, eu tinha sete anos, a minha irmã mais velha tinha nove, essa que morreu tinha cinco e meu irmão tinha só quatro. Se o pai tivesse vivo, ele não ia deixar o demônio fazer o que fazia com ela. Foi o pai que escolheu o marido pra ela. O meu também foi o pai que escolheu. Gente de confiança dele. O meu marido é bom. Nunca me bateu. Nem quando eu fiquei de surto.

- ...

- Quando acordei hoje e vi que ninguém em casa tinha ido trabalhar, achei que tinha acontecido alguma coisa. Meu marido jurou que não, minha filha disse pra mim tomar mais um comprimido e voltar a dormir. Eu fui. Mas fiquei pensando que alguma coisa tinha acontecido. Mas não pensei nela, pensei na minha outra irmã, que tem problema no coração, tem pressão alta. Eu ouvi então o barulho da moto do meu sobrinho, levantei meio zozna e ele falou: “Tia, você precisa ser

forte. A Maria morreu. O Adão matou ela”. Só não desmaiei porque não sou de desmaiar. Mas a visão escureceu e eu precisei sentar. Eu não achava que ele ia matar ela. Eu sabia que o demônio era ruim, mesmo quando quer ficar bonito. Mas ele gostava dela. Matar não ia matar. Ele não sabia viver sem ela. Por isso que ela não largava dele.

– ...

– Pode ser que ela tinha medo, porque ele dizia que matava se ela fosse embora. Eu falava pra ela ir na Delegacia da Mulher, que iam proteger ela. Ela só foi na delegacia quando ele jogou ela debaixo de uma moto que ia passando e o motoqueiro contou pra polícia. Lá no hospital, eu disse pra ela que ela precisava dar queixa, que ele ia matar ela. Eu fui com ela e a delegada chamou ele lá, prendeu ele quinze dias. Depois soltou. Ela disse que não ia querer mais ele, mas a senhora sabe, dona, o demônio, quando quer, fica bonito. Teve um dia, depois disso, que a minha sobrinha chegou pra mim e disse: “Tia, o pai comeu a orelha da mãe. Não conte pra ela que eu falei pra senhora, senão ela bate em mim”. Eu queria ver se era verdade. Aí comprei um brinco na banca e levei pra ela. Falei pra ela experimentar o brinco. Ela disse que estava com a cabeça doendo, e aí eu vi sangue seco grudado no cabelo dela. Pus o cabelo pra trás, e tava mesmo faltando a parte de cima da orelha. Então ela contou que era desejo dele comer a orelha dela. Ela amava ele, deixou. Falou que doeu um pouco só.

– ...

– Aí, como eu tava contando pra senhora, quando o meu sobrinho falou que a Maria tava morta, fui lá no IML. Não me deixaram ver, porque o marido já tinha ido lá pra liberar o corpo. O homem da funerária falou que era melhor deixar o caixão fechado, de tão feia que ela estava. Eu não deixei. Esse negócio de caixão fechado só serve para aumentar a ignorância do povo. Vai ficar todo mundo imaginando o que ele tinha feito

com ela. Vão achar que ela ficou deformada. A cabeça dela tá inchada porque ele esmagou na parede, além de bater com o ferro. Mas o homem da funerária quase conseguiu esconder os roxo com a maquiagem.

– ...

– Agora todo mundo foi embora. Meu marido e meus filhos queriam que eu fosse pra casa também. Eu falei que ia ficar aqui até amanhã cedo, porque, se eu fosse com eles, tinha que tomar o remédio pra depressão, e se eu dormisse muito pesado podia perder a hora do enterro, que vai ser às oito horas. E também porque tenho certeza que o demônio tá rondando por aqui. Se ele vê que ela está sozinha, é capaz de fazer uma bobagem... Judiar dela no caixão. Eu vou ficar pra proteger ela.

[Menção honrosa no Concurso de Contos de Ponta Grossa – Prêmio Miguel Sanches Neto.]

PAI NOSSO

- *Vamos em paz, e que o Senhor nos acompanhe...*
- *Graças a Deus!*

Na sacristia, retirou os paramentos verdes da missa do 14º Domingo Comum, colocou-os no armário, como fazia há quase sessenta anos, e passou a mão nos ralos fios de cabelos brancos, ajeitando-os. Maria Cecília o acompanhava, como sempre, desde que assumira a paróquia, há quatro décadas.

- Espero pelo senhor no carro, padre?
- Não, Cecília, pode ir... Prefiro caminhar até em casa.
- Mas está frio, o senhor ainda não se recuperou da gripe...
- Pode ir, Cecília, vou andando.
- Padre...
- Vai, Cecília... Que coisa! Já disse que vou andando. Não preciso de babá...

Vestiu o paletó de *tweed*, o mesmo de muitos invernos, ajeitou o cachecol, apalpou um dos bolsos internos, para confirmar que o maço de cigarros estava ali, e colocou no outro bolso os donativos do ofertório: R\$ 214,16. Ironizou: “*A férias do dia... Cada domingo mais minguada. Tomara que os fiéis contribuam de acordo com seus pecados*”, pensou.

Olhou pela janela da sacristia e percebeu que alguns paroquianos ainda estavam conversando na frente da igreja e que Maria Cecília, dentro do carro estacionado, o esperava. Resmungou: *Que saco!* Sentou-se em uma cadeira, acendeu um cigarro e ficou

Contato da Autora:

✉ henriette2007@terra.com.br